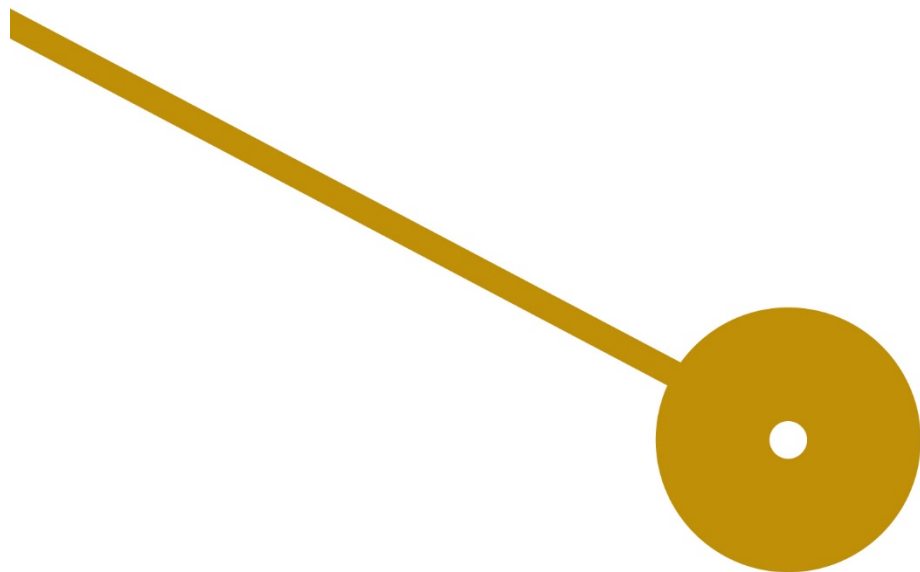


Uma companhia de teatro profissional e a comunidade Um estudo de caso

Leonel Augusto Ranção Silva

09/2019





**MESTRADO
ARTES CÉNICAS**
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

Uma companhia de teatro profissional e a comunidade Um estudo de caso

Leonel Augusto Ranção Silva

Relatório apresentado à Escola Superior de Música e Artes do
Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Artes Cénicas, especialização Interpretação e
Direção Artística

Professor Orientador
Claire Binyon

Coorientador
Hugo Sousa

09/**2019**

Por uma humanidade que faça dos sonhos utopias e os torne realidades.

Agradecimentos

À minha família que tem estado presente em todas as minhas viagens, uns mais próximos, outros mais afastados mas todos sempre presentes.

Aos meus amigos que têm também apoiado estas viagens e, nesta mais recente, terem paciência para as minhas ausências e falta de tempo para conviver com eles. Brevemente retomaremos a nossa vida social!

Aos professores que proporcionaram momentos de descoberta e de aprendizagem, me apoiaram e desafiaram nesta viagem.

Aos colegas de jornada e aos que se tornaram amigos, pelas partilhas e pelo convívio.

À Claire, à Eunice e à Sónia, com quem aprendi a voar!

A todos os que se cruzam no meu caminho.

Estranhem o que não for estranho.

Tomem por inexplicável o habitual.

Sintam-se perplexos ante o quotidiano.

Tratem de achar um remédio para o abuso.

Mas não se esqueçam de que o abuso é sempre a regra.

(Brecht)

Resumo

Este relatório de estágio descreve as atividades realizadas com a companhia de teatro profissional Cabeças no Ar e Pés na Terra, ao longo do ano letivo 2018 / 2019. A principal atividade desenvolvida foi a dinamização de grupos de teatro comunitário, inserido no projeto da Câmara Municipal de Valongo em parceria com o Centro Social de Ermesinde: O meu Bairro não tem Paredes. Este relatório funciona como um “registo de viagem”, através do relato do processo criativo com os grupos de teatro e também as motivações e inspirações que impulsionaram esta viagem, bem como uma breve fundamentação teórica e referência a alguns projetos já implementados no trabalho artístico comunitário.

Palavras-chave

Teatro, Comunidade, Criação Coletiva, Participação, Empoderamento

Abstract

This internship report describes the activities undertaken with the professional theatre company Cabeças no Ar e Pés na Terra, during the school year 2018 / 2019. The main activity was the dynamization of community theatre groups, involved in the project O meu Bairro não tem Paredes as run by the Câmara Municipal de Valongo in partnership with the Centro Social de Ermesinde: This report acts as a “journey log”, reporting on the creative process with the theatre groups themselves as well as the driving motivations and inspirations within the project, in addition to a brief theoretical background and reference to some projects already implemented in this area of community arts practice.

Keywords

Theatre, Community, Collective Creation, Participation, Empowerment

Sumário

1. INTRODUÇÃO	2
2. ENQUADRAMENTO DO ESTÁGIO – MOTIVAÇÕES E INSPIRAÇÕES	3
2.1. Motivações	3
2.2. Inspirações	4
3. TEATRO E COMUNIDADE – TEORIA E PRÁTICAS	9
3.1. Augusto Boal	9
3.2. Portugal	11
4. O ESTÁGIO.....	13
4.1. Cabeças no Ar e Pés na Terra	13
4.2. O meu bairro não tem paredes.....	15
4.2.1. Caracterização do projeto	15
4.2.2. Processo de criação coletivo.....	16
4.2.3. Retratos... Espetáculo final	22
4.3. Encontro Internacional de Reflexão sobre Práticas Artística Comunitárias	24
5. CONCLUSÃO.....	25
Bibliografia	27
Anexos	28

Introdução

O estágio na companhia de teatro Cabeças no Ar e Pés na Terra teve como principais objetivos a aplicação, em contexto real de trabalho, das aprendizagens realizadas nas pós-graduações em Teatro e Comunidade e em Práticas Artísticas e Comunidades, através do acompanhamento do trabalho de uma companhia de teatro profissional na criação de projetos artísticos comunitários e integração dos projetos já implementados e a implementar, em diferentes contextos comunitários.

Ainda no âmbito do estágio, foi elaborada uma candidatura ao EIRPAC (Encontro Internacional de Reflexão sobre Práticas Artísticas Comunitárias), que foi aceite e apresentada neste terceiro encontro, sobre o trabalho de teatro comunitário do projecto O Meu Bairro não tem Paredes.

Com este estágio, pretendo ainda valorizar e disseminar a arte através de uma abordagem académica.

Neste sentido, esta pesquisa enquadra-se na Tese-criação pois por um lado tem a obra de arte, as criações e apresentações públicas, construídas com os grupos; por outro lado tem este relatório (a forma de escrita do estágio), onde são relatados o processo e os conhecimentos produzidos através do estágio. Pode ser também considerada uma investigação pós-positivista uma vez que a realidade onde o estágio é contextualizado é subjetiva e própria de cada comunidade onde se insere e é uma realidade da qual eu, enquanto pesquisador, faço também parte através da dinamização das atividades e a co-criação das obras de arte que são produzidas. A recolha de dados processou-se na forma escrita no estilo de diário de bordo, sendo feito o registo no final de cada sessão de modo a poder posteriormente efetuar uma reflexão crítica em relação ao processo, para o este relatório. Esta recolha é essencialmente qualitativa.

A relação que existe entre o contexto profissional e o académico é o facto de ser possível a aplicação dos conhecimentos e das aprendizagens realizadas em contexto académico durante a implementação dos diferentes projetos ao longo do estágio em contexto profissional e as reflexões e conclusões que surgem com esta aplicação poderem ser validadas academicamente, através do suporte escrito das mesmas.

Por ser um relatório de estágio e por isso um trabalho com uma visão muito pessoal de um percurso, ao longo de um ano letivo, optei por uma escrita menos formal, dando espaço quase a uma narrativa autobiográfica, algo que considero mais artístico e criativo, sem no entanto deixar de lhe imprimir um cunho também científico.

2. Enquadramento do estágio - motivações e inspirações

2.1 Motivações

Todas as viagens têm um ponto de partida e motivações que nos levam a embarcar na viagem.

Learning by doing foi uma expressão ouvida diversas vezes durante o meu percurso académico em teatro na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE). De Londres a Marselha, nos *Pilot Modules* da *European Academy of Participation*, na conferência *Living as Form* em Amesterdão e no workshop *Planning or Improvising An introduction to meaning-oriented strategic planning for artists*, na ESMAE, todos apresentados por Mahir Namur. Esta foi uma das principais motivações para optar pela modalidade de estágio no Mestrado em Artes Cénicas. Aprendizagem em ação (traduzindo de forma livre): aplicar os conhecimentos adquiridos com as pós-graduações em Teatro e Comunidade e em Práticas Artísticas e Comunidades em contexto real de trabalho.

Estas aprendizagens poderiam também acontecer na modalidade de projeto, contudo a principal motivação para o estágio prendeu-se com a possibilidade de fazer parte de uma companhia de teatro profissional e com ela poder desenvolver projetos de teatro comunitário e poder vir a participar noutros trabalhos.

Daí também a opção pela companhia Cabeças no Ar e Pés na Terra que desenvolve projetos de teatro comunitário em parceria com instituições locais, do concelho de Valongo, ao mesmo tempo que mantém a sua atividade profissional de criação de espetáculos com os atores da companhia.

A proposta ao diretor artístico foi bem aceite, por uma lado pela sua vontade de poder contribuir para a minha formação académica e ajudar-me na profissionalização na área do teatro e por outro lado pela própria necessidade de poderem contar com alguém com formação em teatro comunitário para a dinamização do projeto O meu Bairro não tem Paredes, logo a partir do mês de setembro.

Antes de embarcar nesta nova viagem, outra caminhada aconteceu até cá chegar e esta iniciou-se com outros planos e outros sonhos com a primeira pós-graduação em Teatro e Comunidade. As partilhas entre colegas de turma e professores permitiram abrir os horizontes em relação a esta vastíssima área de conhecimento e ação que é o Teatro e as Comunidades. Algumas das ideias iniciais foram ficando na gaveta para dar espaço a outras que fazia mais sentido viver.

A segunda pós-graduação, em Práticas Artísticas e Comunidades permitiu, pela primeira vez desenvolver um projeto de arte comunitária, um projeto que tinha apenas ficado no papel, no início da caminhada, na pós-graduação anterior.

O desejo de ir mais longe, de sonhar mais alto e ao mesmo tempo a confiança que foi possível ir ganhando neste percurso académico, foram os grandes impulsionadores para o novo desafio que se perspectivava.

2.2. Inspirações

Tal como a vela do barco necessita de vento para que a viagem aconteça, são as inspirações, as pessoas que se cruzam no nosso caminho que nos alimentam, de conhecimentos, confiança e inspiração, para que a viagem seja possível. Foram, felizmente, muitas as que deixaram uma marca durante este percurso! Irei aqui fazer referência às principais e sobretudo as que tiveram impacto neste trabalho.

Hugo Cruz

Falar em teatro e comunidade em Portugal não é possível sem falar em Hugo Cruz. Foi, sem dúvida, o elemento chave neste universo sempre cheio de desafios e até hoje uma forte inspiração. Toda a base teórica e os exemplos práticos dos projetos que implementou foram os alicerces para o desenvolvimento dos meus projetos artísticos comunitários, como é o caso deste que desenvolvi no estágio.

Com ele aprendi que o carácter profundamente comunitário da arte coloca o teatro num lugar clarificador tanto do ponto de vista ético como estético nas criações com as comunidades; é uma arte que convoca outras linguagens e que está aberta à transdisciplinaridade nas suas múltiplas formas de viver e fazer teatro. (Cruz, 2015)

Uma das forças do teatro é a capacidade de empoderamento dos participantes e isso torna-o numa arma potente de intervenção social e política. Rappaport define o empoderamento como um processo ou um mecanismo através do qual as pessoas, organizações ou as comunidades podem assumir o controlo livre das suas próprias vidas. (Rappaport, 1987 cit in Cruz, 2015) É esta liberdade, este controlo que dá significado a estes processos criativos com as comunidades e no caso concreto deste estágio, dos participantes residentes nos bairros sociais.

O foco no processo em detrimento do resultado final sem no entanto deixar de lhe dar o devido valor, é por mim assumido neste trabalho na mesma perspetiva que Cruz pois no teatro o espetáculo é um dos resultados do processo, é mais um dos seus momentos e tem que por isso ser valorizado porque se assume como um

momento de confronto com o público, quer seja da própria comunidade ou fora dela, colocando assim a conceptualização do mesmo noutra lugar. (Cruz, 2015) A este respeito, “Erven designa este território como uma forma alternativa de criação em que as pessoas de uma comunidade são capacitadas através do próprio processo em que participam, reunindo-se com um propósito de criar objetos artísticos. Estes processos seguem uma lógica de criação coletiva com base nas histórias das pessoas e dos locais, não partindo de uma dramaturgia já existente e que é gerada normalmente a partir de exercícios de improvisação.” (Erven, 2001 cit in Cruz, 2015) Esta é forma de criação adotada no projeto, O meu Bairro não tem Paredes, no âmbito deste estágio.

Claire Binyon

Outro grande pilar ao longo desta caminhada na ESMAE é Claire Binyon. Tem sido sob a sua orientação que fui fazendo este percurso académico e nos momentos em que vou perdendo o ânimo em relação à minha capacidade de conseguir superar os diferentes desafios que vão surgindo no trabalho com os grupos, e estes momentos acontecem frequentemente... É com esta orientação que eu consigo reencontrar o caminho certo e voltar a percorrê-lo com ainda mais vontade.

Com ela, entre muitas outras coisas, aprendi ainda os fundamentos do Devising Theatre (Bogart e Landau, 2005).que teve também imensa utilidade no desenvolvimento dos processos participativos de criação coletiva.

Também o Devising Theatre aponta o foco no processo em relação ao produto final. Dá relevância à criatividade do grupo e ao envolvimento do público com o espetáculo final e apoia a ideia de que um grupo de pessoas quando tem a oportunidade de experimentar arte por direito próprio, acaba por descobrir a sua própria criatividade tanto na forma como no conteúdo. (Cruz, 2015)

A exploração do Devising Theatre no processo de criação com os meus grupos nos bairros fez todo o sentido pois este implica diferentes pressupostos na sua construção que se tocam intimamente com as práticas transversais da arte e comunidade e a criação e funcionamento de grupos comunitários. (Cruz, 2015)

Sónia Passos

E o terceiro pilar nesta construção do que parece um porto seguro ao qual posso recorrer sempre que sinto necessidade nesta viagem sempre desafiante e cheia de improvisos, é Sónia Passos.

Com ela aprendi a manter o foco e os pés bem assentes na terra, sem deixar de voar e ter a cabeça no ar. Como nada acontece ao acaso, esta viagem tinha inevitavelmente que passar por uma companhia de teatro onde estes dois lados da balança estão sempre presentes: Cabeças no ar e pés na terra!

Pragmatismo é a palavra que associo à Sónia Passos e me tem ajudado, quase diariamente a não perder o foco e concretizar os meus projetos de uma forma mais prática, clara e objetiva, sem no entanto deixar de sonhar e viajar, mantendo o espírito criativo que por vezes esta necessidade de objetivar e “tornar científico” parece querer castrar.

Poliksena Hardalova

Depois houve outras pessoas fantásticas que se cruzaram comigo nesta viagem. Pessoas com as quais também aprendi tanto! Pessoas sem as quais não seria possível conseguir desenvolver estes projetos.

Com a Poli aprendi a observar. Mas a observar de uma forma verdadeira, observar com todos os sentidos! É desta observação constante que nascem pequenos pormenores que se transformam na base da criação. É desta observação que se une o lado criativo ao lado humano, porque neste nível de participação em que durante o processo tudo é coconstruído, os participantes pela sua envolvência estão mais sensíveis a tudo o que acontece e é preciso estar sempre atento a esses pequenos detalhes que permitem a criação destas redes relacionais dentro do grupo e com o grupo.

Com ela aprendi também que não existem falhas mas sim aprendizagens. Estamos num território de exploração, a trabalhar com comunidades socialmente fragilizadas e muitas vezes marginalizadas. Comunidades que têm as suas potencialidades e limitações mas que tentam fazer sempre o melhor possível, o que lhes é possível. Por isso quando algo corre menos bem é uma aprendizagem que ajuda a crescer e possibilita que posteriormente se faça de outra forma.

Graeme Pulleyn

Também Graeme Pulleyn teve um papel muito importante. Com ele aprendi que todos temos algo para dizer e o teatro é uma excelente forma de podermos dizer o que queremos e sentimos. E é o que queremos dizer que está na base da dramaturgia do produto final enquanto momento do processo de criação. A dramaturgia não se limita a recolher as histórias e as memórias, tem também de ser criada a ficção a partir destas histórias. Uma vez que estamos a tocar nas histórias e

nas memórias das pessoas, o passado pode ser muito forte mas é necessário encontrar equilíbrio entre este e o momento presente. O ponto de partida é algo muito local mas que acaba por ser mais abrangente e que todos vivem. No caso concreto deste projeto nos bairros o ponto de partida foram as perguntas relacionadas com a vida de cada um antes de viver no bairro, o significado que tem o conceito de bairro e de paredes para eles e como sentiram a sua chegada ao bairro.

Isabel Bezelga

Para Isabel Bezelga, o teatro é um poderoso instrumento de mobilização da população que tem dois pressupostos básicos: por um lado a construção de conhecimento e por outro o empoderamento de indivíduos, grupos e comunidades. (Bezelga in Cruz, 2015)

Segundo ela, a vivência da comunidade surge com uma resposta às necessidades de construção de um espaço e um tempo de reconhecimento e intervenção individual e coletiva, num âmbito mais local e numa interação mais íntima e de relação face a face. Assim, a ação artística comunitária surge como uma possibilidade de canalizar as energias participativas e as respostas a novos desafios sociais que estão assentes numa menor dependência institucional e que se pautam pela informalidade organizativa e relacional. (Bezelga in Cruz, 2015)

No mundo latino, a designação de teatro e comunidade está associada a uma visão de teatro com uma função social (Bezelga in Cruz, 2015) e é esta visão que está presente no trabalho artístico comunitário e no próprio projeto com as comunidades residentes nos bairros sociais, O Meu Bairro não tem Paredes.

Hugo Sousa

Nesta viagem entrou outro Hugo, este, Sousa e diretor artístico da companhia de teatro profissional Cabeças no Ar e Pés na Terra que amavelmente aceitou a minha proposta de estágio sob a sua orientação.

Com ele tive o privilégio de me sentir parte de uma companhia de teatro profissional e ficar responsável pela parte teatral de um projeto comunitário que tinha já sido iniciado uns meses antes da minha chegada. Esta autonomia foi muito importante para conseguir aplicar os conhecimentos e aprendizagens realizadas em contexto académico e por outro lado a consciência de ter alguém na retaguarda a apoiar o meu trabalho permitiu-me realizá-lo com mais segurança. Aqui está a grande diferença, na minha opinião, entre a modalidade de projeto e a modalidade de estágio. O facto de ser um estágio permite um trabalho em equipa, integrado numa companhia

de teatro e uma visão coletiva, enquanto que o projeto é um trabalho isolado, sem nenhuma equipa, sem esta visão coletiva. Isto permitiu também um aproximar à realidade laboral, ver, viver e sentir o desafio diário de uma companhia de teatro profissional conseguir desenvolver as suas atividades.

São todas estas as sementes que ficaram e têm germinado e começam a dar frutos! O próximo desafio, a continuação desta viagem, levanta-me uma questão: conseguirei eu também ser uma semente que irá germinar e dar frutos nestes bairros, depois de terminado o projeto e eu já não fizer parte da vida destes grupos?

3. Teatro e comunidade – teoria e práticas

Tratando-se de um estágio não me parece fazer muito sentido uma revisão exaustiva do estado da arte mas antes uma reflexão sobre o trabalho realizado ao longo do ano de estágio. Contudo aquilo que é feito tem por trás bases teóricas, para além das motivações e inspirações anteriormente referidas. Existem já, também, variados projetos, nesta área, implementados em Portugal. Neste capítulo pretendo fazer uma breve abordagem a alguns dos fundamentos teóricos que estão na base deste estágio e referência a alguns dos projetos realizados no nosso país.

3.1. Augusto Boal

Quando se faz um estágio numa companhia de teatro onde o principal projeto a desenvolver é teatro comunitário, a referência obrigatória é Augusto Boal.

Sem ter necessariamente que se fazer Teatro do Oprimido mas indo buscar influências à sua forma de ver e viver teatro com comunidades oprimidas e adaptar ao nosso contexto (o projeto desenvolvido ao longo do estágio nos bairros) também ele fragilizado e socialmente oprimido.

É na sua forma de pensar que grande parte do estágio se baseou, especialmente todo o processo coletivo de criação com os grupos de teatro com não atores.

Inspirado na sua visão de que todo o teatro é político porque todas as atividades do homem são políticas e por isso o teatro sendo uma dessas atividades também necessariamente tem que ser político e por isso é, segundo ele uma arma muito eficiente, uma arma de libertação (Boal, 1991), é esta arma que foi utilizada como forma de libertação dos participantes nos nossos grupos. Quase como se retomassem aquilo que sempre foi deles pois o povo foi sempre o criador e o destinatário dos espetáculos teatrais. (Boal. 1991)

Antes das classes dominantes se apropriarem do teatro e construírem muros, dividindo assim o povo através da separação entre atores e espetadores, os que fazem teatro e os que o observam, o teatro era o povo livre a cantar ao ar livre, era o carnaval e a festa. Através do teatro o povo oprimido liberta-se e conquista de novo o teatro e para isso é necessário destruir paredes. (Boal, 1991) É assim que utilizamos também o teatro quando fazemos teatro nos bairros e é esse o objetivo do projeto: eliminar as paredes que separam e libertar.

Para converter um espectador em ator, Boal propõe um esquema com diferentes etapas. A primeira etapa passa pelo conhecimento do corpo que é realizada através de uma sequência de exercício onde o participante começa a conhecer o próprio corpo, as suas limitações, as suas possibilidades, as suas deformações sociais e também a suas possibilidade de recuperação. A segunda etapa consiste em tornar o corpo expressivo, partindo de uma sequência de jogos em que cada um começa a expressar-se unicamente através do corpo, abandonado assim outras formas de se exprimir mais usuais e quotidianas. A terceira etapa é o teatro enquanto linguagem que é a etapa onde se inicia a prática do teatro como linguagem viva e presente e não apenas um produto acabado que mostra imagens do passado. Esta terceira etapa é por ele dividida em três diferentes graus: o primeiro, a dramaturgia simultânea, onde os espectadores escrevem simultaneamente com os atores que representam; o segundo grau é o teatro-imagem em que os espectadores intervêm diretamente e falam através de imagens construídas com os corpos dos atores e participantes; no terceiro grau, o teatro-debate, os espectadores intervêm diretamente na ação dramática, são eles que representam substituindo os atores, sendo eles que atuam. Finalmente a quarta etapa é o teatro como discurso, trata-se de uma forma simples em que o espectador-ator apresenta o espetáculo a partir das suas necessidades de discutir determinados temas ou de ensaiar certas ações. (Boal, 1991) No trabalho nos bairros estas etapas são utilizadas e adaptadas sendo desde a primeira etapa os participantes não-atores os próprios atores.

Por todo o mundo os muros estão caindo, em todo o mundo se faz teatro e todo o mundo o faz. O teatro é uma arma que tem que ser usada, tal como todas as formas de arte (Boal, 1982), é uma arma que foi utilizada ao longo deste ano para deixar cair as paredes que separam os bairros da restante comunidade.

Para Boal o teatro é uma forma de comunicação entre os homens, e cada sociedade humana é determinada pela sua cultura, que é a soma ativa de todas as coisas produzidas por qualquer grupo humano num mesmo tempo e lugar, na sua relação com a natureza e com outros grupos sociais. Acrescenta ainda que cidadão não é aquele que vive em sociedade mas aquele que a transforma! A palavra, o som e a imagem são as mais poderosas formas de comunicação do ser humano e por isso devem ser democratizadas como a terra, a água e o ar. (Boal, 2009)

Sobre a ética, Boal diz-nos que é o caminho por onde se pretende chegar ao sonho de humanizar a Humanidade. (Boal, 2009) E a ética é fundamental quando se

trabalha com populações fragilizadas e muitas vezes marginalizadas, como é o caso dos participantes nos nossos grupos de teatro nos bairros.

Com base nestes pressupostos e nos diferentes exercícios e jogos para atores e não atores, foi desenvolvido grande parte do processo de criação com os nossos grupos, levando no final a criação a palcos que habitualmente são pisados por atores profissionais, porque tal como Boal nos diz, “o teatro popular pode ser feito em qualquer lugar: até nos próprios teatros da burguesia; e por qualquer pessoa: até por atores.” (Boal, 2009)

3.2. Portugal

Em Portugal, ao longo dos últimos anos, têm sido implementados vários projetos de teatro com as comunidades, iremos assim fazer uma breve referência a alguns deles.

Teatros do Outro

Em 2001 quando a cidade do Porto foi Capital Europeia da Cultura, foram programados ciclos de teatros, com a designação Teatros do Outro, com o objetivo de incentivar a abertura da atividade teatral a outros espaços, físicos e humanos que são habitualmente excluídos. (Costa & Guimarães, 2001)

Nesta programação foram desenvolvidos 9 projectos: PRJ. X. Oresteia, As Filhas do Marajá, A “Tituria”, Adão e as Sete Pretas de Fuligem, Allemaal Indiaan (Todos Índios), 9x9 e Shalom.

A Pele Espaço de Contacto Social e Cultural

Esta tem sido uma das principais estruturas, sediada no Porto, a dinamizar este tipo de projetos, em todo o país, desde 2009.

Entre 2009 e 2018 implementou os seguintes projetos: Texturas (2009), Meto a colher (2009), Eram uma quantas vezes (2009), Nascemos da água e à água voltaremos (2009), Agosto Azul (2010), Entrado (2010), LGT mexe (2010), Quase nada (2011), Férias na quinta (2011), Peregrinações (2012), Siga a rusga (2012), Inesquecível Emília (2012), Terra (2013), Povoar (2013), Nós (2013), Tam... O caminho do rio (2014), Mapa (2014), Lendas de Olhão (2015), Salta (2015), Ecoar (2015 e 2016), Retrato das ilhas (2016), Cal (2017), Cabem (2018) e Jardim das Floras (2018).

É também nesta estrutura que é criado o NTO-Porto (Núcleo de Teatro do Oprimido do Porto), o qual desde 2008 tem vindo a criar diversos espetáculos de

Teatro Fórum: Nem Anjo, nem Diabo e O que tu queres mais? (2008), Diz-Crime-Na-Ação e Miguel + Rita (2010), Aurora e Procura-se futuro (2011), Espelho (2012), O quê? (2013), Hoje é dia de festa (2014), Mais não posso!! (2015) e Porto sentido (2017).

Teatro de Ferro

Em parceria com a Qualificar para Incluir, Associação de Solidariedade Social, esta companhia de teatro do Porto vem, desde 2002 a desenvolver atividades artísticas com a população alvo desta associação: Urbânia (2002), Desmontagem (2003), Desmontagem 2 (2004), Desmontagem 3 (2005), Desmontagem 4 (2006), Desmontagem 5 (2008), Desmontagem 5.1 (2008), Desmontagem 6 (2009), Desmontagem 6.1 (2010/2011), Brecht para Principiantes I (2012/2013), Brecht para Principiantes II (2014), Brecht para Principiantes – Filme (2015).

Graeme Pulleyn

Tem também vindo a desenvolver projetos de teatro com a comunidade. De entre os diversos espetáculos criados, salientamos as criações: Nem Tudo o Que Vem à Rede e O Lugre.

Cabeças no Ar e Pés na Terra

Também esta companhia de teatro tem desenvolvido projetos de teatro comunitário. Em 2013 vence o prémio EDP Solidária, com o projeto Saibreiras Bairro D'Artes, um projeto de educação e inclusão pela arte implementado no bairro das Saibreiras em Ermesinde. E entre 2018 e 2020 desenvolve a atividade de teatro e expressão dramática no projeto O meu Bairro não tem Paredes, projeto principal na realização deste estágio e deste relatório.

4. O estágio

Neste capítulo irei descrever o trabalho realizado ao longo do ano letivo 2018/2019 com a companhia de teatro Cabeças no Ar e Pés na Terra, durante o estágio.

O capítulo é dividido em diferentes partes, iniciando com uma descrição da companhia, a partir de uma conversa com o diretor artístico Hugo Sousa. Seguido pelo principal trabalho neste estágio: a dinamização do projeto O Meu Bairro Não Tem Paredes e a comunicação sobre o trabalho realizado no projeto O Meu Bairro Não Tem Paredes, no terceiro Encontro Internacional de Reflexão sobre Práticas Artísticas Comunitárias que teve lugar na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, no dia 16 de setembro do presente ano, organizado por A Pele – Espaço de Contacto Social e Cultural, no âmbito do Mexe - Encontro Internacional de Arte e Comunidade 2019.

4.1. Cabeças no Ar e Pés na Terra

Com base numa conversa com um dos fundadores da companhia de teatro Cabeças no Ar e Pés na Terra, e orientador deste estágio, Hugo Sousa, foi possível traçar o percurso da companhia nestes dez anos de existência.

A companhia de teatro Cabeças no Ar e Pés na Terra comemora, este ano de 2019, o 10º aniversário do seu nascimento. Há onze anos atrás Hugo Sousa trabalhava noutra companhia de teatro e sentiu a necessidade de criar um coletivo artístico em Ermesinde (terra onde reside), com outros artistas que partilhavam a mesma ideia.

Valongo ainda era um concelho a explorar e por isso existiam muitas possibilidades. Uma das necessidades sentidas pelo grupo foi a falta de formação artística para crianças e a irregularidade dos espetáculos dirigidos ao público infantil, que na grande maioria dos casos era amador. O teatro de rua era também inexistente mas havia já teatro na rua. O grupo apostou assim num trabalho que colmatasse as falhas identificadas na diversidade cultural do concelho.

Assim, fundaram a companhia: Hugo Sousa, ator profissional formado na ESMAE que assumiu a Direção Artística; Ana Luísa Gonçalves, formada em gestão e que assumiu a produção; Sandra Silva, artista plástica formada na Faculdade de Belas Artes, que assumiu a construção cenográfica; Vânia Mendes, Atriz formada pela ESAP que assumiu funções de interpretação; Juliana Rodrigues, Atriz formada pela ESAP que assumiu funções de interpretação e coordenação de atividades para crianças.

Foram então criadas as férias artísticas que consistiam em formações para crianças no período de férias, envolvendo-as em todas as áreas artísticas. Após 4 edições esgotadas, a companhia decide avançar com a criação de oficinas de iniciação ao teatro, para crianças e jovens, nascendo daí o grupo de teatro Batatas com Salsichas.

A par desta aposta no público infantojuvenil, foram também realizadas as primeiras apresentações de espetáculos de rua e teatro em espaços não convencionais. Em paralelo foram criados espetáculos com um formato próprio que denominaram de *Teatro comentado*. Estes espetáculos nascem de pesquisas sobre uma área problemática da sociedade, como por exemplo: violência doméstica, igualdade de género, mutilação genital feminina, refugiados, etc. A partir dessa pesquisa é escrito o texto, oferecendo sempre o máximo possível de pontos de vista diferentes em relação à problemática. Depois o espetáculo é apresentado ao público e no final um/a especialista comenta a peça de teatro e reforça a informação sobre a temática. Após estes dois momentos acontece uma conversa aberta ao público.

Iniciar um novo projeto nem sempre é fácil e os Cabeças no Ar e Pés na Terra não foram exceção e foram-se deparando com algumas dificuldades.

Trabalhar na periferia de uma grande cidade como é o caso do Porto não facilitou o percurso da companhia. A falta de cultura teatral do público foi uma das principais dificuldades identificadas por Hugo Sousa. Uma vez que, segundo ele, o público rejeita o que não conhece ou o que pode parecer difícil perceber, o que tornou complicada a aposta em estéticas inovadoras. Existiam também preconceitos, pois frequentemente o público não assistia aos espetáculos da companhia na cidade de Ermesinde e muitas vezes acabavam por se deslocar ao Porto quando eram lá apresentados, assumindo-os como um grupo do Porto.

As várias mudanças na equipa artística, ao longo dos anos, provocam também alterações à visão artística original. O teatro de rua ficou de lado; a aposta nos espetáculos apresentados em espaços não convencionais e o teatro comentado mantiveram-se; a formação para crianças também foi deixando de existir, devido ao aparecimento de várias formações financiadas, no concelho, que se transformaram em concorrentes a baixo custo.

O teatro comunitário também faz parte do percurso artístico da companhia. Para Hugo Sousa, o teatro para a comunidade esteve sempre presente. Mas o teatro feito com a comunidade surgiu por iniciativa própria e mais tarde a partir de

solicitações da autarquia e centros sociais parceiros para a intervenção com as comunidades através do teatro.

Houve dois fatores importantes que impulsionaram o trabalho comunitário dentro dos empreendimentos de habitação social. Em primeiro lugar a necessidade de um espaço para criação e ensaios, bem como para arrumação. Esse espaço foi cedido pela autarquia e encontrava-se no seio de um bairro. Em segundo lugar, aqui num âmbito mais pessoal, Hugo Sousa nasceu num bairro no centro do Porto e desde muito novo teve o desejo de implementar um projeto artístico no seu próprio bairro. Conjugaram-se assim estes dois fatores para possibilitar a aposta nesta atividade há já muito por ele pensada.

Para consolidar este trabalho dentro da comunidade, nasce o projeto Saibreiras Bairro D'Artes, financiado pela Fundação EDP, que teve a duração de quatro anos, tendo sido financiado por apenas dois anos.

Para Hugo Sousa, o trabalho comunitário exige uma presença e vivência no interior da comunidade de forma a que o trabalho artístico possa influenciar e ser influenciado pelas dificuldades do dia a dia e para que se compreenda e avalie a veracidade de várias afirmações que surgem nos ensaios. O contacto direto com os técnicos de serviço social é muito importante e exige cautela, pois a proximidade visível entre os dois pode ser vista como uma forma de influenciar apoios sociais.

Para terminar a conversa e em jeito de previsão para os próximos dez anos, Hugo Sousa cita uma frase de Agostinho da Silva que segundo ele dizia algo como "Se a vida te apanha pelo cachaço como o fazem os gatos, só há uma coisa a fazer que é manter a calma e seguirmos para onde a vida nos leva." É esta a sensação que tem destes dez anos, que a vida os pegou muitas vezes pelo cachaço e os levou para outros lados. Quer pela saída da companhia de elementos artisticamente importantes, ou porque na autarquia mudavam os responsáveis e conseqüentemente a visão estratégica cultural do concelho. Para ele existiram momentos em que criaram resistência à mudança e à adaptação e outros foram vistos como oportunidades.

4.2. O meu Bairro não tem Paredes

4.2.1. Caracterização do projeto

O meu bairro não tem paredes é um projeto da Câmara Municipal de Valongo cujo objetivo temático consiste na promoção da inclusão social e combate à pobreza e

qualquer tipo de discriminação, tendo como tipologia de ação: abordagens integradas de inclusão ativa.

Este projeto inclui diversas atividades dinamizadas por diferentes entidades parceiras. O teatro é da responsabilidade do Centro Social de Ermesinde e enquadra-se na tipologia de operações 4 - Fomentar abordagens locais inovadoras de desenvolvimento social e promover estratégias locais de inclusão ativa; ação 3 - Ações de inclusão pela arte e pelo desporto; atividade 1 - Inclusão através das Artes Dramáticas. Sendo esta atividade dinamizada pela companhia de teatro Cabeças no Ar e Pés na Terra.

Esta atividade de inclusão pelas artes dramáticas tem como objetivo a criação de grupos de teatro com os residentes nos empreendimentos de habitação social de Sampaio (Ermesinde), Barreiro (Alfena) e Baldeirão (Sobrado).

4.2.2. Processo de criação coletivo

O processo de criação iniciou em setembro de 2018 e dividiu-se em dois momentos. Num primeiro momento o foco esteve no desenvolvimento da coesão do grupo e na dinamização de algumas técnicas teatrais com recurso a exercícios e jogos teatrais (Boal, 1982), especialmente ao improviso (Spolin, 2010). Estes jogos e improvisações tiveram como foco o corpo, movimento, postura, intencionalidade dos gestos e movimentos, texto, voz, articulação das palavras, projeção da voz.

Este primeiro momento teve que ser interrompido devido ao agendamento de um Sarau Cultural, onde os grupos iriam apresentar a atividade do teatro. Houve então necessidade de reorientar o planeamento das sessões, dando outra intencionalidade aos jogos e improvisações: criar um exercício teatral para apresentar ao público.

O segundo momento consistiu na criação coletiva de um espetáculo original. As sessões decorreram semanalmente, uma hora em cada bairro.

Os grupos

A atividade do teatro começou com três grupos, um em cada empreendimento de habitação social abrangidos pelo projeto: Baldeirão, Barreiro e Sampaio.

Baldeirão

É um bairro situado na freguesia de Sobrado e onde a sessão semanal estava agendada às quintas-feiras das 20h30 às 21h30 (horário que sofreu diversas alterações de modo a conciliar com a disponibilidade dos participantes).

O grupo era constituído por elementos do sexo feminino com idades compreendidas entre os 14 e os 60 anos. Foi-se mantendo estável até começarem os ensaios de texto para o Sarau, momento em que alguns dos participantes deixaram de comparecer.

O texto surgiu das improvisações e do interesse em levar para o palco algumas das tradições que os elementos com mais idade ainda recordavam da sua infância. O exercício foi construído em torno das memórias relacionadas com a desfolhada do milho e assim nasceu a primeira criação: Desfolhada. No entanto os elementos mais jovens não sentiam qualquer relação com o tema e houve necessidade de retomar as improvisações para se conseguir integrar os interesses de todos, o que foi conseguido de uma forma bastante natural. Os jovens, nas suas improvisações, foram colocando as suas questões em relação a esta tradição que mal conhecem e incorporando em forma de crítica ou antagonismo do que são hoje os seus interesses em comparação com essas práticas, nomeadamente o uso das novas tecnologias, o gosto pela interação através das redes sociais e o convívio com os amigos em atividades de lazer ao contrário das atividades laborais que eram tidas pelos outros elementos como os momentos em que lhes era permitido o convívio com as amigas e em especial com aqueles por quem nutriam algum tipo de afeto especial. Depois do texto estar finalizado e de já estarem a decorrer os ensaios para a apresentação do exercício no sarau, um dos elementos desistiu e foi substituído por um elemento do sexo masculino, obrigando a reformular o texto. Na semana do sarau, esse jovem deixou de ir ao ensaios, informando que apenas tinha ido aos ensaios para ajudar e nunca para participar em palco. Na véspera da apresentação teve que ser, novamente, alterado o texto para se conseguir levá-lo a palco. Estas mudanças criaram sempre inseguranças nos participantes especialmente devido à alteração nos textos que tanto lhes custou decorar.

Barreiro

É um bairro situado na freguesia de Alfena e onde a sessão semanal estava agendada às terças-feiras das 19h às 20h.

Durante um mês, apenas uma pessoa esteve presente nas sessões. Durante esse mês tornou-se praticamente impossível a realização de atividades teatrais para a criação do grupo mas tornou-se produtivo para ficar a conhecer o bairro e as suas dinâmicas e também a própria freguesia onde ele se situa. Aos poucos o grupo foi crescendo até se tornar no grupo com mais participantes e mais heterogéneo a nível etário e o único com dois elementos do sexo masculino. As idades variam dos 6 aos

60 anos havendo algum equilíbrio entre jovens e menos jovens. Contudo foi sempre um grupo muito instável e foram poucas as sessões com a presença de todos. Mas apesar desta insegurança constante, da dúvida de quem viria ao ensaio seguinte, de saber com quem se poderia contar até ao final, este foi o grupo mais receptivo, com grande entrega, a todas as propostas de trabalho.

Devido às dificuldades em conseguir ter o grupo formado e às frequentes faltas, ponderou-se não levar nenhum exercício a palco no sarau. O sarau estava cada vez mais próximo e o tempo para criação quase a esgotar-se... Mas a vontade do grupo em participar era muito forte e seguimos com a criação do exercício. Em pouco mais de duas horas e com base em quatro perguntas: O que é um bairro? O que são paredes? Onde vivia antes de vir para cá? Como foi quando cá cheguei?; inspiradas no nome do projeto, nasceu o exercício: Barreiro, um bairro de barro?

Como o tempo era demasiado curto para conseguirem memorizar o texto, este foi gravado e a encenação focou-se no movimento. O grupo sentiu-se mais seguro e confortável com esta forma de apresentar o exercício pois a memorização de texto foi sempre para eles um dos principais desafios por acreditarem não conseguirem decorar.

Sampaio

É um bairro situado na freguesia de Ermesinde e onde a sessão semanal estava agendada às sextas-feiras das 17h30 às 18h30.

Dos três grupos este foi o mais estável, mantendo um núcleo de elementos sempre assíduo. Maioritariamente senhoras entre os 40 e os 60 anos e um jovem rapaz de 23 anos com necessidades especiais que não sabe ler nem escrever e graves dificuldades na linguagem. Um grupo muito contestatário, que reage sempre na defensiva, assumindo quase sempre uma atitude de recusa a todas as propostas mas depois acabando por se entregar e realizá-las com muito empenho e motivação.

As improvisações dirigiram-se para questões do bairro, aspetos que consideram que estão bem, outros que deveriam ser melhorados, num tom crítico em relação às obras e às melhorias que ainda deveriam ser efetuadas ao nível das infraestruturas e das condições de habitação, nasceu o exercício: As vizinhas da entrada 17.

Primeiro exercício – Sarau Cultural

O Sarau Cultural foi o primeiro evento de apresentação das atividades do projeto: teatro, música e desporto; que decorreu no dia 7 de dezembro de 2018 pelas 21h no Fórum Cultural de Ermesinde. Cada atividade preparou uma pequena apresentação do trabalho que está a realizar nos três bairros. Foram assim apresentados os nossos três primeiros exercícios teatrais comunitários, criados coletivamente num tempo recorde, com o grande empenho de todos os elementos dos grupos. O ensaio geral, no Fórum, só foi possível acontecer no próprio dia da apresentação pública, no entanto conhecendo de antemão as dimensões do palco e o alinhamento das entradas e saídas de cena, tudo isso foi preparado com cada grupo durante os ensaios e ajustado no palco, nesse dia.

Todos os elementos dos três grupos, que assumiram o compromisso de participar, estiveram presentes permitindo assim que os exercícios pudessem ser apresentados. Este foi um dos primeiros indicadores de mudança sentida, através desta atividade, o compromisso que todos assumiram e cumpriram.

O primeiro exercício foi o de Baldeirão: Desfolhada. A dificuldade em projetar a voz num auditório com aquelas dimensões (uma plateia com 300 lugares) prejudicou a compreensão do texto. No entanto foi possível perceber, no final, que algumas das pessoas presentes no público se identificaram e recordaram esses tempos em que iam à desfolhada do milho. Mesmo com as alterações de última hora no texto, conseguiram interpretar sem muitos enganos.

O segundo exercício foi o do Barreiro: Barreiro, um bairro de barro? Um estilo teatral com uma estética mais contemporânea, com banda sonora e vídeo, onde os intérpretes não “dizem” o texto, estando este gravado. Não se tratando de um estilo de teatro mais “clássico”, um exercício sem diálogos, em que os atores não estão a comunicar diretamente com o público, em que a sua interpretação é mais corporal, através dos movimentos no palco, existia o receio de não ser “aceite” pelo público. Surpreendentemente, foi precisamente o contrário que aconteceu e foi o exercício mais elogiado pelo público presente.

Finalmente, o terceiro exercício foi o de Sampaio: As vizinhas da entrada 17. Pelas mesmas razões do primeiro grupo, também aqui houve dificuldades em se perceber tudo o que estava a ser dito e um dos elementos alterou o texto criando uns momentos de desorientação para o resto do grupo mas este conseguiu eficazmente ultrapassar e concluir a apresentação. Um tema, que se sabia de antemão, polémico e que por isso poderia desagradar a alguns dos presentes. O que de facto aconteceu,

tendo havido críticas ao grupo, nos dias posteriores no próprio bairro, pela vizinhança. Isto não fragilizou o grupo, pelo contrário, ajudou-os a ter consciência que temos direito de dizer o que sentimos. O texto não era ofensivo, apenas chamava a atenção para aspetos do bairro que o grupo considera que devem ser melhorados.

Apesar de inicialmente se sentir que o Sarau foi negativo ao processo, pois interrompeu o trabalho que estava a ser realizado e em pouco tempo foi necessário preparar os exercícios, o que exigiu muito dos grupos, acabou por verificar-se a sua utilidade na preparação da criação do espetáculo final. Todos os elementos dos 3 grupos, durante as reflexões realizadas no ensaio seguinte a este exercício, manifestaram satisfação em relação à atividade. Todos gostaram de estar em palco e representarem para os seus familiares e amigos. Os pontos a melhorar que os grupos de Baldeirão e Sampaio referiram prenderam-se à falta de amplificação das suas vozes, dificuldade que foi posteriormente colmatada no espetáculo final. Os elementos do Barreiro ficaram muito contentes por terem conseguido apresentar o exercício e orgulhoso pelos elogios que lhes foram dirigidos no final da apresentação.

Criação do espetáculo final

Entre Janeiro e Junho de 2019, deu-se continuidade ao trabalho com os bairros de Barreiro e Sampaio, tendo o de Baldeirão deixado de ter grupo, a partir de Fevereiro, por falta de adesão dos participantes. Não foi possível conseguir uma justificação clara dos motivos pela desistência dos participantes. Talvez, ao contrário da reflexão positiva, o exercício do Sarau não lhes tenha proporcionado satisfação suficiente e vontade para continuar. O único fator referido foi a desistência de alguns elementos de todas as atividades do projeto e não apenas do grupo de teatro e as duas senhoras com motivação para continuarem considerarem que só as duas não lhes fazia sentido manter os ensaios, o que foi respeitado e a atividade teatral foi suspensa neste bairro.

Durante os encontros continuaram a ser propostos diversos jogos teatrais e a partir das improvisações, recolhidas as novas histórias que querem contar. Histórias pessoais e coletivas. Histórias das suas vivências antes da sua chegada ao bairro e da forma como sentem o bairro onde vivem.

Dado o sucesso do exercício final, o grupo do Barreiro optou por explorar mais o que tinha sido feito e transformar esse exercício num espetáculo para apresentação final. O mesmo processo foi então iniciado com o grupo de Sampaio. A opção por orientar a criação nesse sentido foi sobretudo a de facilitar e prevenir eventuais enganos durante a apresentação e até a ocorrência de desistências ao longo do

processo. A inexistência de diálogos e a dramaturgia do texto permite que a cena prossiga mesmo que tenha falhado alguma parte sem se perder o sentido da história. Manteve-se partes de texto gravado, uma vez que todos têm dificuldade na sua memorização e o tempo de ensaios é muito reduzido para um trabalho mais profundo de memorização de texto.

Partindo do nome do projecto *O meu bairro não tem paredes*, e voltando às quatro perguntas: O que é um bairro? O que são paredes? Onde vivia antes de vir para cá? Como foi quando cá cheguei?; os participantes refletem sobre o que é para cada um deles um bairro, o que é o seu bairro, o que são estas paredes, o significado que têm para eles e o sentido de não existirem paredes a separar o bairro da restante comunidade onde se insere. Todo este processo, esta recolha, estas experiências, estas vivências, foram a base para a dramaturgia do espetáculo final.

Inspirado pelas encenações de Graeme Pulleyn que parte de obras de autores de renome aos quais integra os textos construídos com as comunidades com que desenvolve o seu trabalho, foi proposto aos grupos incluirmos na nossa criação também textos de Sophia de Mello Breyner Andresen. Porquê a escolha de Sophia? Em primeiro lugar por ser uma mulher e muitos dos seus textos estarem relacionados com mulheres e os grupos serem compostos maioritariamente por mulheres, havendo assim relação entre a poética de Sophia e as histórias de vida destas mulheres. Por outro lado este é o ano do seu centenário. Todos gostaram da ideia e foram selecionados dois textos de vários que foram lidos e interpretados: Retrato de Mónica e Caminho da manhã.

O processo iniciou-se com o objetivo de criar uma apresentação diferente para cada grupo mas ao longo das sessões começou a fazer sentido que as quatro histórias (as duas de Sophia e uma de cada um dos bairros) fossem apresentadas juntas num só espetáculo, simbolicamente eliminando as paredes que separam os dois bairros. A estas quatro cenas acrescentou-se outra cena, sem palavras e apenas com movimentos e uma cena final onde o público é convidado a subir ao palco e fazer parte desta festa que é o teatro, destruindo assim, como nos diz Boal (1991) a barreira entre espetadores e atores, mais uma parede que simbolicamente se pretende eliminar com este espetáculo e com este projeto, a barreira que separa os bairros das comunidades onde se inserem, o público é convidado a entrar no bairro e festejar também. Todo a intencionalidade das cenas é criada coletivamente, nada é feito ao acaso e sempre explicado. Este projeto pretende fomentar a inclusão social e acabar com a exclusão e isolamento dos bairros, e isso está sempre presente ao longo do

processo criativo. Aos poucos as “paredes que separam” vão sendo eliminadas, não só porque esse é o objetivo do projeto mas também porque todos os elementos dos grupos sentem que isso é necessário. E assim nasceu a primeira criação coletiva: Retratos...

As músicas usadas nos aquecimentos, nos jogos, nos exercícios e nos improvisos foram ganhando espaço na criação e adotadas para a banda sonora. A pesquisa dos movimentos foi um processo mais difícil, especialmente em Sampaio. Dar intencionalidade ao que se está a fazer em palco mas sempre com uma preocupação estética que dê sentido às palavras que são ouvidas, não é simples de entender, especialmente porque nesta fase do processo já estão todos em palco a explorar esses movimentos e não há a possibilidade de “ver-se de fora” para entender o que está a ser criado. Isto obriga a dirigir mais, dar mais instruções para os significados não serem apenas compreendidos mas também sentidos. Os textos de Sophia foram gravados e os textos originais memorizados. Houve desistências... Em Sampaio houve uma desistência. Depois um novo elemento que acabou também por desistir. Outro novo elemento integrou o grupo: uma jovem de 15 anos que trouxe mais segurança ao grupo pois ajudou muito a que acreditassem que é possível decorar texto. Perto do final outra desistência... Pequenos reajustes e como previsto, a forma como foi construído o espetáculo, não houve nenhum problema para se manter tudo como esperado. No Barreiro sempre a habitual volatilidade... Uns dias faltam uns, outros dias faltam outros... Há sempre necessidade de fazer ajustes. O grupo reage e confessa que seria melhor que os elementos pouco assíduos desistissem para não haver esta necessidade constante de ajustar e reformular as cenas, provocando-lhes insegurança e incerteza, contudo a vontade de incluir todos no grupo leva-os a aceitarem que regressem e participem. No final todos se empenham ao máximo. As imagens são captadas no início de um ensaio em cada bairro para podermos também levar os bairros para o palco.

4.2.3. Retratos... - Espetáculo final

O espetáculo final teve estreia no dia 18 de junho de 2019 no Centro Cultural de Alfena. Em novembro o espetáculo estará em circulação e será levado a Freamunde para encerrar o Festival de Teatro Municipal de Paços de Ferreira, ao Circulo Experimental de Teatro Aveirense (CETA) em Aveiro e os grupos irão regressar ao Fórum Cultural de Ermesinde para fecharem este ciclo de apresentações para depois se iniciar o processo de criação coletivo de um novo espetáculo.

Retratos... é assim a primeira criação coletiva com os dois grupos que permanecem ativos no projeto.

Na reflexão depois da estreia, todos se sentiram muito satisfeitos, seguros no que estavam a fazer, muito mais seguros do que se sentiram no Sarau Cultural. A principal crítica prendeu-se ao facto de ter acontecido apenas um ensaio conjunto quando o espetáculo integrava num só as cenas que inicialmente pertenciam, de forma separada, a cada um dos bairros. O uso dos microfones para amplificar as vozes foi muito positivo, desta vez não tiveram dúvidas de que o público ouviu o que tinham para dizer e que os compreendeu. As soluções encontradas por eles para os que têm mais dificuldade em memorizar texto: a possibilidade de levar o texto escrito e ser lido e isso ser feito de forma assumida para o público, ajudou a aumentar o nível de autoconfiança. Mais ensaios, a necessidade que todos, sem exceção apontam como fundamental para se sentirem mais preparados para o palco. E é no palco, com a estreia e as suas reflexões que foi possível pensar nestas novas aprendizagens permitindo assim a melhoria da criação.

Desde o início deste trabalho teatral com os grupos foi notória a sua evolução em diferentes aspetos. A constância dos grupos é um deles, depois da volatilidade inicial, neste momento temos grupos coesos, comprometidos, cada vez mais assíduos e disponíveis. Todos os bairros têm um espaço próprio que pertence à Câmara Municipal de Valongo e que se destina para uso das técnicas de serviço social que acompanham as famílias e para as diferentes atividades e projetos que vão sendo dinamizados. Ao longo do processo, todos os grupos passaram a ter uma chave para poderem utilizar o espaço e este passar a ser também deles. Autonomamente juntam-se para ensaiar os textos sozinhas, vão para o espaço e esperam lá pela minha chegada, estando prontas para trabalhar mal chego.

Durante o mês de setembro de 2019 os ensaios foram realizados com ambos os grupos no espaço no bairro de Barreiro, durante duas horas semanais. Esta foi outra forma de criar mais proximidade entre os grupos e entre os bairros e assim continuar a eliminar as paredes, “as barreiras que separam”. Com estes ensaios em conjunto, deixou de haver as cenas de um bairro e as cenas do outro bairro, estando todos os participantes em palco em todas as cenas. Depois destas, o objetivo é eliminar as paredes entre os bairros e a restante comunidade e tentar que pessoas não residentes nos bairros se juntem aos grupos e também participem.

O projeto vai continuar até dezembro de 2020. Em dezembro deste ano, depois da circulação de Retratos... iremos iniciar o processo coletivo de criação de um novo espetáculo ao qual se seguirá nova circulação.

4.3. Encontro internacional de reflexão sobre práticas artísticas comunitárias

Em conformidade com a proposta original de estágio, em março foi elaborada a candidatura para participar no terceiro Encontro Internacional de Reflexão sobre Práticas Artísticas Comunitárias, de modo a apresentar o projeto O meu Bairro não tem Paredes, através de uma comunicação durante o encontro. A candidatura foi aprovada.

O terceiro Encontro Internacional de Reflexão sobre Práticas Artísticas Comunitárias – EIRPAC, realizou-se na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto de 16 a 18 de setembro de 2019, inserido na programação do Mexe - Encontro Internacional de Arte e Comunidade, organizado por A Pele – Espaço de Contacto Social e Cultural.

A apresentação do projeto O meu Bairro não tem Paredes aconteceu na tarde de 16 de setembro na mesa 3, moderada por Flávia Liberman da UNIFESP – Brasil. Estiveram também presentes na mesa, Isabela Umbuzeiro Valent da USP – Brasil com a comunicação Deslocamentos sensíveis: inscrições públicas de projectos coletivos na interface arte e saúde na cidade de São Paulo – explorações iniciais, e Celida Salume da UFBA – Brasil com a comunicação Corpo e espaço: a poética da precariedade e o professor de Teatro em ação na sala de aula.

O desafio de apresentar em vinte minutos um projeto que decorreu durante um ano, foi grande! As partilhas foram muito boas, as pessoas presentes pareceram estar interessadas pelos diferentes projetos apresentados e com vontade de os conhecer melhor. Houve espaço para reflexão, para procurar o que há de comum entre os diferentes projetos. Ficaram questões no ar, outras houve tentativas de resposta por todos os presentes mas o importante foram as ideias e as vontades que ficaram a ferver nas nossas mentes.

5. Conclusão

Aproveito a conclusão para fazer uma pequena reflexão em relação a esta viagem. Não com a pretensão de fazer um balanço sobre pontos positivos e pontos negativos (ou menos bons) pois como diz a Poli, tudo são aprendizagens e é isso que quero guardar desta viagem: as aprendizagens. As aprendizagens “no terreno”, pois as académicas pertencem já a uma fase anterior. Mas foi no estágio, neste “terreno”, que tive a possibilidade de entender essas aprendizagens de outra forma, pondo-as em prática.

O imprevisto esteve sempre presente. Devido aos imprevistos pois dificilmente a viagem ocorre como planeámos... E daí não ter sido possível participar, enquanto assistente de direção, num espetáculo da companhia. É que também nas companhias profissionais os planos de atividades vão sendo alterados para poder dar resposta a outros pedidos, solicitações de entidades parceiras e depois não há tempo para o que estava inicialmente programado. No entanto, tendo em conta a ligação que existe entre a ESMAE e a ACERT e também os Cabeças no Ar e Pés na Terra, aceitei o convite de ir uma semana até Tondela para construir o espetáculo comunitário da queima e rebentamento do Judas. O projeto O Meu Bairro não tem Paredes também ocupou imenso espaço. Espaço “temporal” e pessoal. Foi necessária muita dedicação, muito envolvimento e compromisso físico, mental e emocional neste desafio. E valeu a pena! O imprevisto também esteve sempre lá, neste projeto, no trabalho com os meus grupos. O imprevisto sugerido por mim para encontrar a matéria prima para todo o processo de criação e também o imprevisto devido aos imprevistos: todas as semanas são diferentes, ou porque quem está numa semana não está na outra e por isso não é possível dar continuidade ao que se iniciou, ou porque no encontro seguinte algum dos participantes esteve doente durante a semana e nesse dia não consegue participar mas faz questão de estar presente, ou porque alguém desistiu de vez porque se mudou e já não vive no bairro e foi viver com o filho para longe, ou porque... há muitos motivos, muitas razões... É preciso aceitar e continuar a improvisar!

E isto leva-me a refletir sobre o meu papel, o significado da minha presença nos bairros e as minhas opções na relação com os participantes. Por um lado sinto que faço parte dos grupos, estou lá semanalmente com eles e juntos construímos, criamos... Por outro lado também sou um elemento externo ao grupo: apenas lá estou na hora do nosso ensaio e oriento o grupo. O meu papel é diferente dos restantes participantes e isso também é importante, é necessário este distanciamento e isso dá-lhes autonomia, empodera-os e permite-lhes continuarem sem mim quando o projeto

terminar. Não me foco na motivação, não é esse o meu papel, pelo contrário pois um elemento motivador cria dependência, se tiverem necessidade de motivação externa não conseguem manter os níveis motivacionais se esse elemento externo não os alimentar com um discurso motivador. Opto pelo encorajamento. E encorajando-os acredito que eles próprios criem uma motivação interna e assim conseguem regular os próprios níveis motivacionais e isso cria autonomia e independência. Metaforicamente, sinto-me um artista plástico, uma espécie de escultor que vai recebendo do grupo a matéria prima e com o grupo vai moldando para o transformar num produto artístico.

Desta experiência tive ganhos pessoais e profissionais, também é importante e não é ser egoísta pensarmos também em nós! Ganhei segurança no meu trabalho artístico e isso permitiu-me aceitar outros desafios e fazer coisas que fui metendo na gaveta ou que ainda não tinha tido a coragem de fazer. Aceitei o convite, na escola onde trabalho, de encenar uma pequena peça de teatro com um grupo de alunos do 6º ano e este ano existe a intenção de alargar esse projeto envolvendo professores de diferentes áreas. As práticas artísticas na educação, um projeto que estava na gaveta e que finalmente está a nascer. Fui duas semanas para Montemor-o-Novo para participar num Clown Summer Lab e criei e apresentei ao público o meu primeiro pequeno show clown. Podem parecer insignificantes mas permitem-me acreditar que posso continuar esta viagem, ainda tenho muito para descobrir, aprender e sobretudo pôr em prática.

Academicamente este é o fim desta viagem. Profissionalmente, com este projeto, a viagem ainda vai a meio pois até dezembro de 2020 continuarei a trabalhar com estes grupos. E novas viagens estão para vir.

Bibliografia

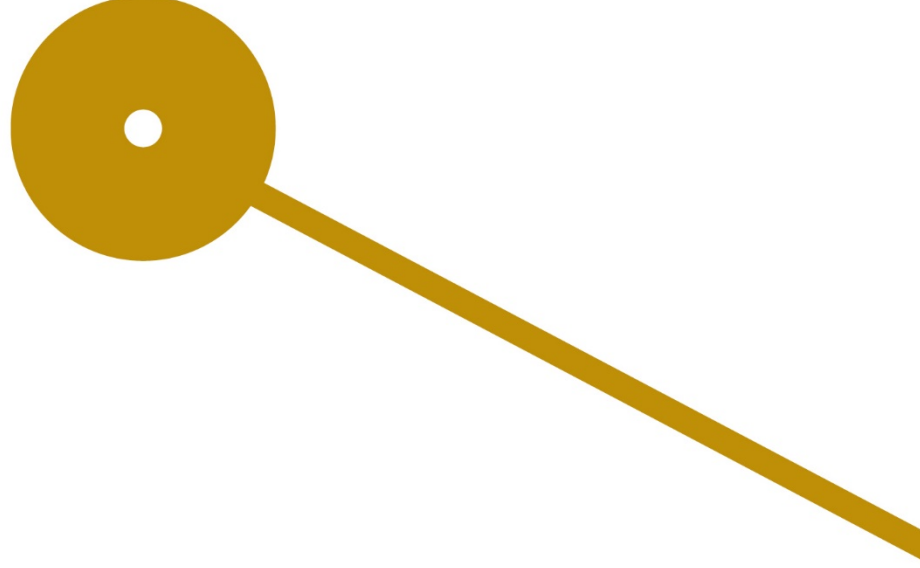
- Boal, A. (2009). *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro : Garamond.
- Boal, A. (1991). *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Boal, A. (1982). *200 exercícios e jogos para o ator e o não ator com vontade de dizer algo através do teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (4ª edição).
- Bogart, A. & Landau, T. (2005). *The Viewpoints Book – A practical guide to viewpoints and composition*. New York: Theatre Communication Group.
- Câmara Municipal de Valongo (2017). *O Meu Bairro não tem Paredes – Memória Descritiva do Projeto*. Porto.
- Cruz, H. (Ed.). (2015). *Arte e Comunidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Costa, I. & Guimarães, R (coords). (2001). *Teatros do outro*. Porto: Afrontamento.
- Spolin, V. (2010) *Improvisação para o Teatro*. São Paulo: Perspectiva.

**ESCOLA
SUPERIOR
DE MÚSICA
E ARTES
DO ESPETÁCULO
POLITÉCNICO
DO PORTO**

P.PORTO

M

**MESTRADO
ARTES CÉNICAS**
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA



**Uma companhia de teatro profissional e a comunidade
Um estudo de caso**
Leonel Augusto Ranção Silva